

QUEM HERDARÁ OS MEUS CAVALOS?

Sebastião Teixeira Corrêa

O alvo frio das geadas, na sequência dos invernos,
Vai me deixando tordilho.
Olho no espelho do tempo e vejo as rugas do rosto
Cinzeladas pelo agosto que prolongou-se em meu trilho.
Temporais de um mês cinzento, chegam tangidos por vento
Que assovia pelas quinchas, varando as frestas do oitão,
Judiando o cerne mais bruto, apodrecendo palanques,
Desgastando os alambrados, erodindo até o moirão.

No rigor das intempéries, o tempo, que é soberano,
consome a vida e os sonhos
Quando troteia a lo largo, sempre aumentando as passadas,
Buscando os rumos do fim.
Às vezes nem acredito, quando me pego pensando,
E sinto o tempo levando partes da vida e de mim.

Olho pras brasas vermelhas, que os guarda-fogo de angico
Vão encilhando ao braseiro.
E as cinzas, que pouco a pouco, vão amornando o borralho
Acalmando as energias como a estancar as sangrias
De algum lançasso certo.

-É tudo questão de tempo! Já me diziam os antigos,
- A própria cisma se acaba antes do ponto final.
E quem pensar que é torena para enfrentar o destino,
Vai perder pra esse malino, num tiro de quadra e meia,
Ninguém aguenta a peleia quando topa esse bagual.

Eu tive sonhos, por moço:
E coragem nas cruzadas,
Quando a pampa colorada, sentindo-se ameaçada,
Veio clamar por socorro.
Fiz recorridas; encilhei crioulos pingos de lei,
Para reculutas de guerra.
Fui defender minha terra frente a colunas de guapos,
E, me juntando aos Farrapos, em cargas brutas peleei.

Depois, me plantei num rancho, bem lá no alto da Serra,
Por já cansado das guerras e cicatrizes da sorte
Quis mudar de rumo e Norte, ergui galpão e mangueira,
E semeei na clareira, pastagem para a manada
Que fui juntando na estrada sem saber muito o porquê,
Mas que hoje, entre emoções, passo a entender as razões
E compreender Solanet.

Assim é que unindo sonhos de poesia e de cavalos,
Colecionando regalos de éguas crioulas parindo,

Aos poucos fui construindo um plantel de fundamento;
À sombra de um monumento chamado Cruz Missioneira,
Veio sangue da Fronteira, das Missões e Litoral
E esse atavismo bagual se fez fortim e trincheira.

Porém, me sento nas tardes, para sorver um amargo,
E ao ver as éguas no encargo de gerar cria e mais cria
Mesmo no afã da alegria se achega a preocupação,
O que fará este ancião quando vir o por do sol?
O que fará no arrebol que marca o fim da existência,
Quando deixar a querência e for morar no infinito?
Quando o sonho mais bonito se eternizar num adeus
E eu não tiver um dos meus pra dar-lhe vida e sequência?

Quem vai puxar no buçal o mouro na primavera,
Quando a vida é uma quimera, envolta em clima de cio?
Quem abrirá fio a fio as colas para exposição?
Quem vai conter no garrão as filhas da égua Chilena,
Que apesar de ser pequena, bota potras “iguais leão”?

Quem vai encilhar a zaina que o Lucas Gritti domou?
E que por isso ficou pra reserva por aqui,
Foi o início do guri no ofício de domador,
Esta zaina tem valor de cunho sentimental
E aqui se trata o animal com respeito e com amor

A oveira, campeã na pista dos manchados em Esteio,
De laço, prova e arreio, quem sentará no seu lombo?
Quem vai arriscar um tombo da égua preta salina?
Quem vai ajeitar a crina, quem vai lidar com a potrada?
Quem vai esticar na estrada os de rédeas e de bocal,
E tomar conta, afinal, e atender toda a manada?

Quero deixar por herança pra algum piazito campeiro
Que seja bueno e parceiro; tenha amor pelo cavalo,
Quero entregar por regalo meus arreios de vaqueano,
Os sonhos que, ano a ano, construíram minha história,
E que respeite a memória deste peão veterano

Assim, no adeus do arremate, poderei partir em paz,
Não ficarão para traz mágoas e ressentimentos,
Pois vivi todos momentos com a maior intensidade,
E não sentirei saudade das coisas que deixarei,
Dos cavalos que criei, das poesias que compus,
Vou montar pingos de luz nos pagos onde estarei!!!